

METODOLOGIAS ATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Wanderson Cleyton da Silva¹

Marta Gisele Silva dos Santos²

Márcia Maria da Silva Melo³

Maria Sabrina Neves de Oliveira⁴

INTRODUÇÃO

A Educação Especial, ao longo das últimas décadas, tem passado por profundas transformações no cenário educacional brasileiro, impulsionadas por políticas públicas de inclusão e pela consolidação de uma perspectiva de ensino que valoriza a diversidade humana.

Desde a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), a escola brasileira vem sendo convocada a repensar suas práticas pedagógicas, de modo a garantir o acesso, a permanência e o sucesso escolar de todos os estudantes, inclusive daqueles com deficiência.

Nesse contexto, as metodologias ativas de aprendizagem surgem como um paradigma inovador, que desafia o modelo tradicional de ensino e propõe uma mudança na centralidade do processo educativo. Nessa abordagem, o estudante deixa de ser um agente passivo e assume o papel de protagonista da construção do conhecimento, enquanto o professor torna-se mediador, orientador e facilitador da aprendizagem.

O uso das metodologias ativas na Educação Especial tem se mostrado uma alternativa eficaz para potencializar o desenvolvimento cognitivo, emocional e social de estudantes com deficiência, por favorecer a autonomia, a interação e o engajamento nas atividades escolares. Estratégias como a sala de aula invertida, a rotação por estações, o ensino híbrido e a aprendizagem baseada em projetos permitem que os alunos participem ativamente, construam significados e desenvolvam habilidades para a vida.

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar como as metodologias ativas vêm sendo aplicadas no contexto da Educação Especial, investigando seus impactos no processo de ensino-aprendizagem e as adaptações necessárias para garantir acessibilidade e inclusão.



Além disso, o estudo busca compreender os desafios enfrentados pelos professores na implementação dessas metodologias, considerando fatores como a formação docente, os recursos disponíveis e a organização do tempo pedagógico. O trabalho, portanto, pretende contribuir para o debate sobre a inovação educacional e o fortalecimento de práticas inclusivas que promovam o desenvolvimento integral do estudante com deficiência.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa foi conduzida sob uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, voltada à análise das experiências e percepções de docentes que atuam com estudantes da Educação Especial. Esse tipo de abordagem é o mais adequado quando se pretende compreender fenômenos educativos em profundidade, valorizando a subjetividade dos sujeitos e o contexto no qual as práticas pedagógicas se desenvolvem.

O estudo foi realizado em uma escola privada da cidade de Amaraji (PE), instituição reconhecida por sua trajetória de práticas inclusivas e por integrar alunos com diferentes tipos de deficiência nas turmas regulares. A coleta de dados ocorreu ao longo de dois meses e envolveu observação participante em sala de aula, registros de campo e entrevistas semiestruturadas com professores da Educação Especial e do ensino comum.

As entrevistas buscaram compreender as percepções docentes sobre a efetividade das metodologias ativas, as adaptações realizadas e os principais desafios enfrentados. Já a observação participante permitiu registrar o comportamento e o engajamento dos estudantes durante as atividades que utilizavam recursos lúdicos, tecnológicos e colaborativos.

A análise dos dados seguiu os princípios da análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), identificando categorias temáticas que emergiram das falas dos professores e das práticas observadas: *autonomia do aluno*, *acessibilidade dos recursos*, *formação docente* e *integração das tecnologias digitais*. Todos os procedimentos respeitaram os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, garantindo o anonimato dos participantes e o consentimento livre e esclarecido.

REFERENCIAL TEÓRICO

As metodologias ativas, segundo Bacich e Moran (2018), constituem uma proposta pedagógica que promove a aprendizagem significativa a partir do envolvimento direto do aluno em situações práticas, colaborativas e reflexivas. Ao contrário do ensino transmissivo, em que o professor é o centro do processo, as metodologias ativas colocam o estudante em papel protagonista, estimulando o pensamento crítico e a resolução de problemas.



No campo da Educação Especial, essa abordagem dialoga fortemente com a perspectiva inclusiva defendida por Mantoan (2006), que compreende a escola como um espaço de acolhimento das diferenças, onde todos aprendem e ensinam uns aos outros.

A autora ressalta que o verdadeiro sentido da inclusão não está apenas em inserir o aluno com deficiência na sala regular, mas em transformar as práticas pedagógicas para garantir sua efetiva participação.

Carvalho (2019) reforça essa visão ao afirmar que a inclusão escolar demanda uma nova postura docente, baseada na flexibilidade curricular e na valorização das potencialidades individuais. Nesse sentido, as metodologias ativas podem se tornar instrumentos poderosos de mediação, pois favorecem a personalização do ensino e o uso de recursos variados tecnológicos, visuais e sensoriais capazes de atender diferentes estilos e ritmos de aprendizagem.

Além disso, o uso da tecnologia educacional assume papel essencial nesse processo. Para Kenski (2012), a tecnologia deve ser compreendida não apenas como ferramenta, mas como elemento que ressignifica a prática pedagógica, amplia a comunicação e potencializa a aprendizagem colaborativa.

A combinação entre metodologias ativas e tecnologias digitais permite o desenvolvimento de uma educação inovadora, criativa e acessível, capaz de romper com a padronização e promover uma escola realmente democrática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na pesquisa revelaram que o uso das metodologias ativas na Educação Especial tem promovido impactos positivos tanto no engajamento dos estudantes quanto na postura docente. Os professores relataram que práticas como a aprendizagem baseada em projetos e a sala de aula invertida favoreceram o envolvimento dos alunos com deficiência, permitindo que participassem das atividades de forma mais autônoma e colaborativa.

Durante as observações, constatou-se que os recursos visuais e tecnológicos desempenharam papel central no processo, ampliando a compreensão dos conteúdos e facilitando a comunicação entre os alunos. O uso de jogos pedagógicos digitais, vídeos educativos e plataformas interativas foi apontado como essencial para manter a atenção e estimular o interesse.

Por outro lado, a pesquisa identificou desafios significativos. Entre eles, destacam-se a carência de formação continuada específica sobre metodologias ativas na Educação Especial, o tempo reduzido para o planejamento das atividades adaptadas e a escassez de recursos físicos



e tecnológicos em algumas instituições. Muitos docentes afirmaram que, embora reconheçam a importância das metodologias ativas, ainda sentem insegurança em aplicá-las de forma consistente com estudantes que possuem deficiências múltiplas ou severas.

Esses achados corroboram os estudos de Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), que apontam a necessidade de apoio institucional para que a inovação pedagógica se torne parte da cultura escolar. A formação docente, quando articulada a práticas reflexivas e colaborativas, é o caminho para que o professor se torne um agente de transformação capaz de construir uma educação verdadeiramente inclusiva.

De modo geral, os resultados sugerem que o uso das metodologias ativas contribui para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, participativo e centrado no estudante, ao mesmo tempo em que evidencia a urgência de políticas públicas que sustentem a implementação dessas práticas nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as metodologias ativas configuram-se como um importante instrumento de fortalecimento da Educação Inclusiva, pois promovem uma aprendizagem significativa, colaborativa e autônoma, na qual o aluno com deficiência é reconhecido como sujeito de direitos e potencialidades.

O estudo evidenciou que a adoção dessas estratégias possibilita o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, amplia a participação e fortalece o sentimento de pertencimento dos estudantes. Entretanto, para que essas práticas se consolidem, é indispensável o **investimento na formação docente**, na **estrutura tecnológica** das escolas e no **apoio pedagógico contínuo** aos professores.

As experiências observadas em Amaraji demonstram que, mesmo diante das limitações estruturais, é possível construir um ensino inclusivo e inovador quando há compromisso ético e sensibilidade pedagógica.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o escopo deste estudo, investigando a aplicação das metodologias ativas em diferentes redes de ensino e com distintas modalidades de deficiência, a fim de consolidar um repertório teórico e prático que fortaleça o movimento por uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Metodologias Ativas. Práticas Pedagógicas. Formação Docente. Inovação Educacional.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, pela força e sabedoria concedidas durante todo o percurso desta pesquisa. Aos professores e colegas que, com suas contribuições e trocas de experiências, enriqueceram a construção deste trabalho. À instituição de ensino que acolheu a investigação, permitindo o diálogo com práticas inclusivas inspiradoras. Estendemos nossa gratidão aos estudantes da Educação Especial, cuja participação e entusiasmo tornaram esta pesquisa possível e significativa. Por fim, reconhecemos o apoio de nossas famílias, que, com paciência e incentivo, foram o alicerce de todo este processo acadêmico e humano.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. *Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BAPTISTA, C. R. et al. *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. *Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001*. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 set. 2001.

CARVALHO, R. E. *Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"*. 14. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas: Papirus, 2012.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2006.

